

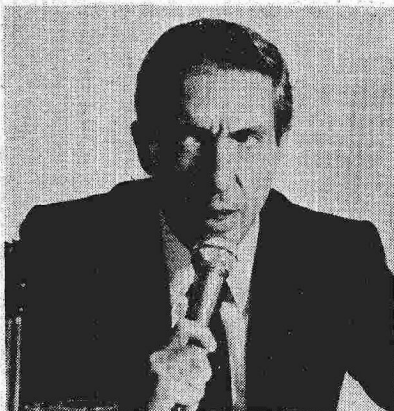
É isso o que eles sentem: revolta

De 76 empresários de grande, pequeno e médio portes ouvidos pelo Estado em todo o País, 10 (13%) afirmaram estar com "medo" diante da situação atual, 16 (21%) disseram sentir "revolta", 18 (24%) perderam a esperança em dias melhores e 17 (22%) não escondem sua tristeza. Sentimentos negativos ou de pessimismo caracterizam 69,5%, deles e apenas 30,5% sentem-se seguros, esperançosos ou com alguma alegria nos dias atuais.

Esses empresários acham que a crise econômica e política poderia ser solucionada com a demissão dos ministros da área econômica (29% das respostas), com eleições diretas em todos os níveis (34%) e até com "a derrubada do governo" (7%). Dos 76 entrevistados, 14 consideram-se ricos (são grandes empresários, 18% da amostragem), 52 acham que pertencem à classe média (69% da amostragem) e 10 (13%) afirmam que são pobres, ou pelo menos estão empobrecendo.

O medo da falência e da pobreza é quase uma psicose. Não se toma qualquer decisão sem pensar muito e essa prudência quase excessiva limita o investimento e até a criatividade dos que, envolviam-se, dinâmicos, em grandes aventuras produtivas. "Como programar alguma coisa se ninguém sabe o que o o governo vai fazer amanhã?", reclama um médio empresário gaúcho, perplexo diante do descontrole governamental. "Não existe uma política econômica", afirma outro, em Belo Horizonte. "A política hoje resume-se na expressão salve-se quem puder".

Em São Paulo, o médio empresário Firmino Rocha de Freitas diz que sente "revolta", "desesperança" e "tristeza" diante de tantos descabimentos e sugere, para resolver a crise, "um acordo político a nível nacional, com lideranças políticas atuantes, de forma que um estadista capaz venha conduzir a Nação". Aos 60 anos de idade, ele acha que "o mundo se transforma rápida e



Diniz: vencendo a crise

violentamente e o Brasil não se dá conta disso, nem antes e nem mesmo agora". E conclui: "É preciso mudar, política, econômica e socialmente".

Em Santo Angelo, no Rio Grande do Sul, o agricultor Vergílio Copetti, 62 anos, também defende uma "mudança completa do sistema político e econômico, através de uma constituinte em que participem todas as camadas da população", e lembra: "Para quem conheceu o Brasil de 60 anos atrás, é uma grande surpresa ver a situação atual, um país rico devendo tanto, brasileiros morrendo de fome. E nenhuma punição aos responsáveis pelos crises econômicas, pelas decisões tomadas sem saber se o povo aprova".

"Revolta" e "tristeza". E isto o que afirma sentir o executivo Admon Ganem, da Volkswagen do Brasil, que reclama a substituição dos ministros e outros funcionários estatais "por pessoas mais capazes e honestas". E sugere: "O recrutamento de empresários com competência gerencial já comprovada seria uma boa alternativa".

Para Ganem, a crise mundial poderia ser até uma vantagem para o Brasil, "se soubéssemos tirar proveito dela, porque temos alternativas que outros países não têm (energia hidrelétrica, energia solar, álcool, agricultura etc.). Por que, por exemplo, não investimos maciçamente na agricultura, como forma de combater a inflação via barateamento de alimentos? Por que imaginar que poderíamos pagar a dívida externa com crescimento nulo? Qual o país que, ao longo da história, resolveu dificuldades econômicas com recessão? Se deixarmos de crescer durante três anos, por exemplo, teremos 4 milhões de jovens (entre 18 e 20 anos) sem emprego. Isso não é grave demais?"

"É uma lástima ver a capacidade de errar do governo", diz, em São Paulo, o presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos, o banqueiro Ary Waddington, 52 anos, para quem "o presidente da República devia as-

sumir o comando da política econômica", demitindo seus ministros atuais. "Uma maior presença do sr. Presidente no comando da Nação" é reclamada também pelo gaúcho Paulo Vellinho, 56 anos, industrial.

"Nós vivemos hoje dificuldades cíclicas como as de 1929 e as da II Grande Guerra", afirma: em Salvador, o empresário Wilson Galvão Andrade, 38 anos, que também reclama uma mudança na política econômica, em primeiro lugar, ou a demissão dos ministros dessa área, se a mudança não vier. "O problema", continua, "é que nós não soubemos nos preparar para corrigir essa tendência cíclica".

"Diante da total falta de punição aos lesa-pátria, o povo, de um modo geral, sente-se revoltado — e eu também — em ter de pagar pelos débitos que não contraiu", reclama, em João Pessoa, o empresário Célio Maroja Di Pace, 38 anos. "A solução do problema brasileiro é de cunho moral e político. Sem credibilidade e legitimidade não há caminho nem saída para a crise", acrescenta o exportador de sisal Agnaldo Ramos.

"O governo desperdiçou dinheiro", acusa, em Fortaleza, o pecuarista cearense Antônio Pedrosa Teixeira, 35 anos. "É preciso austeridade, trabalho e coragem na adoção de medidas", aconselha, em São Paulo, o presidente da Fiesp, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, 44 anos. "Nosso país paga agora a falta de líderes jovens, por causa dos casuísmos de uma revolução que se perdeu ao longo do tempo", lamenta em Aracaju o pequeno empresário Antônio Oliveira Frenê, 39 anos, enquanto em São Paulo o comerciante Manoel de Jesus Alves de Almeida, 40 anos, confessa ter "medo" diante disso tudo, pede eleições diretas para a Presidência da República e, desiludido, achando que não vale a pena "nem trabalhar", também acusa: "Foram 20 anos de ditadura militar e corrupção o que levou a isso tudo".



Vellinho: recado ao presidente



Vidigal: é preciso austeridade